

# CRISTOLOGIA E EVOLUÇÃO <sup>1</sup>

*Teilhard de Chardin*

Só posso ver Cristo tal como o descrevo aqui. Mas tomo mais a peito a sua integridade do que as cores com que o pinto. É neste espírito que redijo estas linhas – na esperança de o servir.

## O PROBLEMA

As páginas que se seguem não são completamente novas no seu fundo, nem sobretudo definitivas na sua forma. Só procuram exprimir, de um modo mais centrado, logo mais rigoroso, mas por consequência também mais fácil de retocar, alguns pontos de vista que já apresentei várias vezes, designadamente em *O Meio Divino* e *le Sens de la Terre*.

Na minha opinião, toda a vitalidade interna (e, portanto, toda a força difusiva) do Cristianismo estão actualmente suspensas da solução sempre diferida do seguinte problema, que vou tentar enunciar claramente.

«Em que deve tornar-se a nossa Cristologia para continuar a ser ela própria num Mundo novo?»

---

<sup>1</sup> A versão aqui apresentada é tirada da edição “A minha fé”, Notícias Editorial, Lisboa, 1999, na tradução de Germaniano Cascais Franco; o texto original francês encontra-se editado nas Obras Completas, Tomo X, Seuil, Paris, 1969.

A versão original do texto, escrito na China, Tien-Tsin, em 1933, continha a seguinte nota do punho do próprio autor; «*Revu et corrigé*». Foi um ensaio em que Teilhard procurou sintetizar o seu pensamento sobre estas matérias, tendo sobre ele escrito à sua correspondente de Paris, Léontine Zanta, em carta de Pequim de 24.06.1934, o seguinte: «... *un essai assez réussi [...] où j'ai condensé, en vingt pages, l'essence de presque tous mes papiers depuis vingt ans*». (Nota do secretariado da AAPTCP)

O pressuposto deste problema, universalmente admitido por todos os Cristãos, é o de que a nossa religião não é outra coisa senão a percepção e a prática do Universo «in Christo Jesu»<sup>2</sup>. O Universo somente é explicável e viável «Per Ipsum» e «in Ipso»<sup>3</sup>: neste ponto dogmático encontram-se condensados o impulso e o júbilo específicos do movimento de adoração cristão.

Todavia, essa energia e essa alegria, como qualquer outra realidade viva, têm a sua contrapartida laboriosa. O Universo, conforme começamos agora a avaliar, não é um quadro fixo sobre o qual basta ter projectado a imagem de Cristo para poder admirá-la sem fim, quietamente. De forma insensível, sob a própria acção daquilo a que chamamos «a vida», o ecrã do Mundo (ao invés da simbólica «peau de chagrin»<sup>4</sup>) estende-se e dobra-se à nossa volta. Se não temos o devido cuidado, em breve o rosto divino se projecta de forma imprecisa sobre as coisas, ou só cobre uma parte delas, quando afinal deveria abranger tudo.

A minha convicção profunda, nascida da experiência de uma vida passada simultaneamente no seio da Gentilidade e no seio da Igreja, é a de que chegámos justamente a esse ponto delicado de uma indispensável readaptação. E como poderia ser de outra maneira? A expressão da nossa Cristologia é ainda exactamente a mesma que podia bastar, há três séculos, a homens cujas perspectivas cósmicas se nos tornaram irrespiráveis. A menos que se admita uma independência, psicologicamente impossível, entre a vida religiosa e a vida humana, esta situação deve, *a priori*, traduzir-se em mal-estar, em desequilíbrio. De facto, esse mal-estar e esse desequilíbrio existem. Posso testemunhá-lo — e encontrar-se-á o mesmo testemunho em tudo aquilo a que se chama o movimento modernista. Trata-se para nós, nesta hora, de modificar (precisamente para conservar o seu valor iluminador) a posição do foco cristão.

Ora, em que consistirá o mais exactamente possível esta correcção *relativa*?

Em pôr de acordo Cristologia e Evolução.

A transformação muito recente (e ainda em curso), que fez

---

<sup>2</sup> «Em Cristo Jesus.» (N. do E.)

<sup>3</sup> «Por Si mesmo», «Em Si mesmo». (N. do E.)

<sup>4</sup> «Peau de chagrin»: couro de onagro, cujas dimensões estão magicamente ligadas à vida do seu possuidor; realiza os desejos dele mas encolhe a cada anseio satisfeito, enquanto a existência de quem a possui diminui ao mesmo tempo que tal pele. Tema desenvolvido por Balzac no romance *La peau de chagrin*. (N. do T.)

passar o Universo do estado de realidade estática para o estado de realidade evolutiva, tem todos os caracteres de um acontecimento profundo e definitivo. Tudo o que se poderia dizer, para a apreciar, é que ainda só medimos de modo muito incompleto a extensão das mudanças que logicamente acarreta a percepção desta nova dimensão cósmica: a Duração. O Universo já não é apenas interminável do ponto de vista espacial. Ele desenrola-se agora sem limites para trás, em todas as suas fibras, ao sabor de uma Cosmogénese sempre em marcha. Não me compete analisar aqui a amplitude nem o progresso; irresistíveis, desta nova perspectiva que define na sua raiz aquilo a que se chama o «espírito moderno». Bastar-me-á fazer observar o seguinte: presentemente, o saber humano desenvolve-se todo ele sob o signo da evolução reconhecida como uma propriedade basilar do Real experimental: de tal modo que *já nada entra nas nossas construções a não ser o que satisfaz antes de mais as condições* de um Universo em vias de transformação. Um Cristo cujos traços não se submetam às exigências de um Mundo de estrutura evolutiva será cada vez mais eliminado, sem exame ulterior (tal como hoje, nas Academias, se atira para o cesto dos papéis, sem as ler, as memórias que abordam o movimento perpétuo ou a quadratura do círculo). E em compensação, para ser plenamente adorável, um Cristo deve apresentar-se como o salvador da ideia e da realidade da Evolução.

Façamos então a seguinte experiência (mas façamo-la logicamente até ao fim, quanto mais não seja para ver o que acontecerá). Tomemos lealmente o Mundo, tal como se apresenta a nós, hoje em dia, à luz da nossa razão: não o Mundo de quatro mil anos, cingido nas suas oito ou nove esferas, *para o qual foi escrita a Teologia dos nossos livros*, mas o Universo que vemos emergir organicamente de um tempo e de um espaço ilimitados. Desdobremos diante de nós esta imensidade profunda. E procuremos ver como se devem modificar os contornos aparentes de Cristo para que a sua figura continue agora *como outrora* a invadir tudo, vitoriosamente. É este novo Cristo (e não a figura obsoleta que talvez gostássemos de manter artificialmente) que será realmente o antigo e o verdadeiro Jesus. Reconhecê-lo-emos por este sinal de uma presença universal.

Segundo três eixos, poder-se-ia dizer, iremos tentar tal recobrimento do Mundo por Cristo. Redenção, Encarnação, Evangelismo, como deveremos modificar estes três aspectos da Cristologia para satisfazer as propriedades de um Mundo evolutivo?

## I. REDENÇÃO

Quando buscamos viver e pensar o Cristianismo com toda a nossa alma moderna, as primeiras resistências que se nos deparam vêm sempre do Pecado Original.

Isto é válido em primeiro lugar para o investigador, a cujos olhos a representação tradicional da Queda barra decididamente o caminho a todo o progresso no sentido de uma ampla perspectiva do Mundo. Com efeito, é para salvar a letra da narrativa da Falta que se porfia em defender a realidade concreta do primeiro casal. Ora, a manutenção deste elemento, estranho à escala e ao estilo das nossas concepções científicas presentes, basta para paralisar ou deformar todas as tentativas efectuadas por um cientista crente no intuito de apresentar um quadro satisfatório da História Universal.

Mas isto ainda não passa, a bem dizer, de uma dificuldade de ordem intelectual. Há algo de mais grave. Não só, para o cientista cristão, a história, a fim de aceitar Adão e Eva, deve estrangular-se de uma maneira irreal ao nível do aparecimento do homem; mas também, num domínio mais imediatamente sensível, o das crenças, o Pecado Original (sob a sua figura actual) contraria a cada instante o desabrochamento natural da nossa religião. Corta as asas das nossas esperanças. A nós que nos lançamos, a todo o momento, em direcção ao espaço das conquistas optimistas, ele traz-nos sempre de volta, inexoravelmente, às sombras *dominantes* da reparação e da expiação.

Quanto mais observo, menos posso escapar à evidência de que o Pecado Original, imaginado sob os traços que ainda hoje lhe atribuímos, é o vestuário estreito onde sufocam, a um tempo, os nossos pensamentos e os nossos corações. Como se justifica esta virtude perniciosa? E quem nos livrará dela?<sup>5</sup>

A meu ver, a resposta a tal questão é a seguinte: se o dogma do Pecado Original nos amarra e nos anemia, é muito simplesmente porque, *na sua expressão actual*, ele representa uma sobrevivência de noções estáticas caducas no seio do nosso pensamento tornado evolucionista. A ideia de Queda não é afinal, no fundo, senão um ensaio de explicação do Mal num Universo fixista. Neste plano, ele é heterogéneo ao resto das nossas representações do Mundo. Eis o motivo pelo qual nos oprime. Por consequência, é o problema do Mal, nas suas

---

<sup>5</sup> Para se verificar que não exagero, faça-se o obséquio de ler a Encíclica de Pio XI sobre o Sagrado Coração (por exemplo, a sexta lição do Breviário para o Domingo na oitava do Sagrado Coração). Há aqui algumas frases que ferem, pelo menos tanto quanto o Silabo, as mais legítimas esperanças da alma moderna. Nunca se converterá o Mundo com semelhante espírito (*N. do A.*)

relações com Cristo, que devemos retomar e repensar, num estilo apropriado às nossas perspectivas cósmicas novas, se acaso quisermos respirar.

*O Pecado Original é uma solução estática do problema do Mal.*

Outrora, fui obrigado por um censor teólogo a negar esta proposição sem mais explicações. Ainda hoje não posso evitar concluir que ela é verdadeira.

*De direito*, antes de mais, num Universo considerado saído *já feito* das mãos de Deus, a desordem só pode explicar-se por uma alteração *secundária* do Mundo. A corruptibilidade dos organismos, a dualidade carne e espírito, o espectáculo das desordens sociais, são um puro escândalo intelectual para o fixista que acredita numa Criação. Em si, estes defeitos não deveriam existir. Por outro lado, na medida em que ocasionam o sofrimento, eles evocam a recordação das penas por meio das quais todos os agrupamentos humanos sabem castigar os perturbadores da ordem estabelecida. Da fusão, de todo em todo natural, destes dois elementos teve inevitavelmente que sair a ideia de que o Mundo faz penitência por uma falta passada.

Ora, não é exactamente esta, *de facto*, a óptica da Bíblia e da Epístola aos Romanos?

«Pelo pecado, a morte.» Procura-se agora, para escapar a evidências demasiado manifestas, atenuar esta fórmula luminosa. «É verdade, admite-se, que a morte existiu para os animais antes da Falta. E até para o homem, no caso de ter permanecido fiel, ela só poderia ser afastada por uma espécie de milagre permanente.» Mas, além de que estas distinções deixam reaparecer, intacto, o problema do Mal, elas contradizem o sentido óbvio do texto da Bíblia. Quando Adão pecou, o Mundo, segundo S. Paulo, só tinha oito dias, não o esqueçamos. Logo, nada tivera ainda tempo de perecer no Paraíso. Foi a falta que, no pensamento do Apóstolo, estragou tudo para a totalidade da Criação.

*De facto*, a despeito das distinções subtis da teologia, o Cristianismo desenvolveu-se sob a impressão dominante de que todo o Mal à nossa volta *nascera* de uma falta inicial. Dogmaticamente, ainda vivemos na atmosfera de um Universo onde o assunto principal é reparar e expiar. Para Cristo, tal como para nós, o essencial é que nos desembaracemos de uma mácula. Daí a importância, pelo menos teórica, da ideia de sacrifício. Daí a interpretação quase unicamente purificadora do baptismo. Daí a preeminência na Cristologia do conceito de Redenção e de sangue derramado. É no fim de contas por ainda ser hoje, tal como outrora,

projectado num Mundo estático onde o Mal pressupõe uma prevaricação, que Cristo continua a manifestar-se a nós, principalmente nos documentos eclesiásticos, pela *Sombra da sua Cruz*.

Ora o que acontecerá agora se tentarmos, ao menos por artifício intelectual, transportar-nos, *sem restrições*, para a perspectiva de um Mundo em evolução?

Desenha-se imediatamente no nosso horizonte uma mudança fundamental e prenhe de consequências para a Cristologia. Em boa verdade, sem nada perder da sua acuidade nem dos seus horrores, o Mal cessa, neste novo contexto, de ser um elemento incompreensível para se tornar *um traço natural* da estrutura do Mundo.

Aqui, bem sei, começo a entrar em oposição com vários dos meus mais queridos amigos intelectuais. Por razões tiradas da onnipotência divina ou da natureza metafísica do múltiplo, eles não aceitarão o que vou dizer. Mas permaneço convicto de que há nas coisas uma lógica perante a qual tudo deve ceder, e que esta lógica impõe, num Universo (ou mais exactamente numa ontologia) de tipo evolutivo, tais condições ao acto criador, que o mal decorre daí *inevitavelmente* a título de efeito secundário. Criar, até aqui, fora encarado como uma operação divina susceptível de revestir formas absolutamente arbitrarias. Deus, admitíamos nós (pelo menos implicitamente) era livre e capaz de fazer surgir um Ser participado em qualquer estado de perfeição e de associação. Podia colocá-lo sem diferença, a seu bel-prazer, num qualquer ponto entre zero e o infinito. Estes preceitos imaginários afiguram-se-me em desacordo com as condições mais profundas do Ser tal como se manifestam na nossa experiência. E eis a única posição de equilíbrio que enxergo para as nossas concepções sobre as possíveis relações entre o Mundo e Deus.

Criar, mesmo para a Onnipotência<sup>6</sup>, já não deve ser entendido por nós à maneira de um acto instantâneo, mas ao modo de um processo ou gesto de síntese. O Acto puro e o «Nada» opõem-se como a Unidade acabada e o Múltiplo puro. Quer isto dizer que o Criador não pode, a despeito (ou melhor, em virtude) das suas perfeições, comunicar-se imediatamente à sua criatura, antes devendo torná-la capaz de o receber. A fim de poder dar-se ao Plural, Deus deve unificá-lo à sua medida. Das origens do Mundo a Ele, a constituição do Pleroma traduz-se assim necessariamente, nos nossos espíritos, por uma progressiva marcha do espírito.

---

<sup>6</sup> Uma das fraquezas da filosofia cristã consiste em abusar da onnipotência divina, a ponto de multiplicar sem limites o contingente e o arbitrário no Universo. Há, porém, muitas coisas que Deus não teria a possibilidade física de fazer, a começar por esta: levar a que uma coisa passada nunca haja existido. (*N. do A.*)

Esta progressiva unificação do Múltiplo, na qual consiste a Criação, será tão completamente *livre* e acessória a Deus quanto somos parcialmente forçados a supô-lo? E não corresponderá ela, além disso, a uma operação possível *uma única vez* na história divina? É preciso ir ao ponto de formular estas questões se quisermos pôr logicamente de pé uma nobre cosmogénese cristã. Mas não é aqui o lugar indicado para lhes dar resposta. Contentemo-nos em ter certificado o seguinte princípio: não só de facto, no nosso Universo particular, mas de direito (para qualquer Mundo concebível, se realmente há vários possíveis), o acto criador exprime-se para os que dele são objecto pela passagem de um estado de dispersão inicial a um estado de harmonia final. Esta observação basta para aperfeiçoar, em primeira aproximação, a ideia que temos da função redentora de Cristo: com efeito, ela possui como corolário uma transposição profunda da noção de queda original.

Num mundo criado já feito, dizíamos nós mais atrás, é injustificável uma desordem primitiva: é necessário procurar um culpado. Todavia, num Mundo que emerge aos poucos da Matéria, já não é preciso imaginar um acidente primordial para explicar o aparecimento do Múltiplo e do seu satélite inevitável: o Mal... O Múltiplo? Mas, como acabamos de ver, ele tem o seu lugar natural na base das coisas, visto que representa, nos antípodas de Deus, as virtualidades difusas do Ser participado: não os cacos de um vaso quebrado, mas a argila elementar a partir da qual tudo será amassado. O Mal? Mas este aparece necessariamente no decurso da unificação do Múltiplo, pois que é a própria expressão de um estado de pluralidade ainda incompletamente organizado. Decerto que tal estado transitório de imperfeição se manifestará em pormenor, no Mundo em vias de formação, por um determinado número de actos culpados de que os primeiros de todos (os mais decisivos, se bem que os menos conscientes na história humana) poderão ser destacados da série e catalogados como uma «falta primitiva». Mas a fraqueza original, para a criatura, é na realidade a condição radical que a faz nascer a partir do Múltiplo, trazendo sempre nas suas fibras (enquanto não está definitivamente espiritualizada) uma tendência para voltar a cair em baixo, no pó.

O Mal, em tais condições, não é um acidente imprevisto no Universo. É um inimigo, uma sombra que Deus suscita inevitavelmente pelo simples facto de se decidir à criação<sup>7</sup>. Um Ser novo, lançado na existência, e ainda não completamente assimilado à Unidade, é uma coisa perigosa, dolorosa e

---

<sup>7</sup> Não residirá aqui, justamente, a verdade expressa de modo confuso em todos os mitos onde se encontram associadas as ideias de nascimento e de mal? Podemos dizer que a modernização da Cristologia consistiria simplesmente em elucidar nas fórmulas teológicas e litúrgicas *pecado* por *progresso*, ou seja, afinal, fumo por fogo. Será assim tão grave? (N. do A.)

fantástica. Criar não é então algo de pouca monta para o Todo-Poderoso, um simples divertimento. É uma aventura, um risco, uma batalha onde Ele se empenha inteiro. Não começa assim a crescer e a aclarar-se diante dos nossos olhos o mistério da Cruz?

Declaro-o com plena sinceridade. Foi-me sempre difícil apiedar-me deveras em frente de um Crucifixo enquanto me apresentaram este sofrimento como a expiação de uma falta que Deus poderia ter evitado atendendo a que não necessitava de modo algum do homem, ou então porque podia tê-lo feito de outra maneira. Dir-se-ia que o homem não era para ali chamado...

Mas tudo muda de uma forma impressionante no ecrã de um mundo evolutivo tal como acabamos de o expor. Projectada num tal Universo onde a luta contra o Mal é a condição *sine qua non* da existência, a Cruz assume uma gravidade e uma beleza novas, justamente as que podem seduzir-nos mais. Sem dúvida, Jesus é sempre Aquele que carrega os pecados do Mundo; o Mal moral compensa-se misteriosamente pelo sofrimento. Mas Ele é, mais essencialmente do que isto, Aquele que supera estruturalmente em Si mesmo, e para nós todos, as resistências à unificação opostas pelo múltiplo, as resistências à ascensão espiritual inerente à Matéria. Ele é O que carrega o peso, inevitável por construção, de toda a espécie de criação. E o símbolo e o gesto do Progresso. O sentido completo e definitivo da Redenção *já não é apenas* expiar: é atravessar e vencer<sup>8</sup>. O mistério pleno do Baptismo já não consiste em lavar, mas (os Padres gregos bem o perceberam) em mergulhar no fogo da luta purificante «para ser». Já não há a Sombra, mas os ardores, da Cruz.

Avalio nitidamente a gravidade das mudanças que estas novas perspectivas introduzem. Conheço, sobre o Pecado Original, os cânones solenes do Concílio de Trento. Tenho consciência da infinita rede de fórmulas e de atitudes pelas quais se insinuou na nossa vida cristã a ideia de que somos os filhos culposos de Adão e Eva<sup>9</sup>.

Mas peço aos que me lêem para reflectirem imparcial e serenamente em duas coisas. A primeira é que para todo o género de razões, científicas, morais e religiosas, a *figuração* clássica da queda já não passa para nós de um jugo e de uma

---

<sup>8</sup> Dado que convém prever as simplificações deformadoras a que se sujeita o texto, sublinhámos, por nossa iniciativa, *já não é apenas* para mostrar bem que o padre Teilhard não nega a necessidade da expiação ao inseri-la num processo mais complexo e mais vasto de ascensão espiritual, ela própria dependente desta expiação. (N. do E.)

<sup>9</sup> Sobre a descoberta progressiva da verdade e a evolução das definições conciliares, cf. *Vues ardentes*, pp. 46-47, Ed. du Seuil. (N. do E.)



afirmação verbal, cuja *letra* já não alimenta os nossos espíritos nem os nossos corações; ela já não pertence (na sua *representação material*) ao nosso cristianismo nem ao nosso Universo. A segunda é que uma transposição da ordem da que eu sugiro deixa subsistir inteiramente, e até salva, na sua essência, essa realidade precisamente e essa urgência na Redenção que os Concílios procuraram definir. É necessário e suficiente que se diga «fogo» onde sempre se falou de «fumo<sup>10</sup>». As palavras são diferentes, mas a coisa permanece. E não vejo como, diante dos novos horizontes que a história nos descobre, se poderia preservar essa coisa, nem *a fortiori* fazê-la triunfar de outra maneira.

## II. INCARNAÇÃO

Amoldar até ao fim a ideia de Redenção às exigências da Evolução é uma tarefa árdua, se bem que libertadora. A figura de Cristo sai engrandecida e embelezada da tentativa — mas após resistência.

Bastante diferente é o caso da ideia de Incarnação. Segundo o eixo deste mistério, o rosto de Jesus, projectado num Universo de estrutura evolutiva, dilata-se e desabrocha sem esforço. No interior de tal quadro orgânico e movente, os traços do Homem-Deus propagam-se e expandem-se com uma facilidade surpreendente. Eles adquirem aí as suas verdadeiras proporções, como no seu espaço natural.

Para apreender a razão desta afinidade e deste êxito, importa ter presente que, num Mundo evolutivo *bem compreendido* (ou seja, no qual a consistência e a posição de equilíbrio dos elementos são colocados não do lado da Matéria, mas do Espírito), a propriedade fundamental da massa cósmica é a de se concentrar em si mesma, no seio de uma consciência sempre crescente, sob um efeito de atracção ou de síntese. A despeito do aparecimento, tão impressionante para a Física, dos fenómenos secundários de dispersão progressiva (como a entropia), só há uma Evolução real (por ser a única positiva e criadora), a *Evolução de convergência*. Não voltarei a abordar este ponto que já desenvolvi várias vezes noutras ocasiões. Mas recolherei a sua consequência, tão importante para a Incarnação, que é a seguinte: independentemente de qualquer preocupação religiosa, somos levados, pelo próprio fruto do pensamento e da experiência, a assumir a existência, no Universo, de um centro de confluência

---

<sup>10</sup> A Redenção, ao purificar-nos, torna-nos aptos a amar e o padre Teilhard cuida que é tempo de fixar mais o fogo do amor que o fumo dos nossos pensamentos. (*N. do E.*)

universal. Por construção, deve haver no cosmos (para que este se mantenha e funcione), um lugar privilegiado onde, como numa encruzilhada universal, tudo se vê, tudo se sente, tudo se comanda, tudo se anima, tudo se toca. Não será esta uma maravilhosa posição para situar (ou melhor, reconhecer) Jesus?

Supondo-O estabelecido, pela sua Incarnação, neste ponto singular cósmico de toda a convergência, Cristo torna-se, antes de mais, imediatamente co-extensivo à enormidade espacial. Não há o mínimo perigo, de ora avante, de a sua personalidade ou a sua realeza se desvanecerem, afogadas num Universo demasiado vasto. Que importam para a nossa fé e a nossa esperança as tremendas imensidões do céu, se os seres sem número que enchem as esferas ideais banham todos, pelo seu centro, numa infinidade comum?

Assim colocado, outrossim, Cristo acha-se, não menos facilmente, em equilíbrio com o abismo temporal onde mergulham as raízes do espaço. Poder-se-ia pensar que a sua frágil humanidade iria aí perder-se, arrastando as nossas crenças com ela. Mas o que valem, ao certo, as aparências históricas de uma vida num Universo onde a existência da mais pequena mónade se descobre ligada e síncrona com a evolução inteira das coisas? O facto de Cristo ter emergido no campo das experiências humanas apenas um instante, há dois mil anos, não pode impedi-lo de ser o eixo e o cume de uma maturação universal.

Assim colocado, enfim, Cristo, por muito «sobrenatural» que seja finalmente o seu domínio, irradia a sua influência a pouco e pouco, na massa inteira da natureza. Visto que só há concretamente um único processo de síntese em curso, *de alto a baixo* do Universo, nenhum elemento, nem nenhum movimento poderiam existir, em nenhum grau do Mundo, fora da acção «informadora» do Centro principal das coisas. Já co-extensivo ao espaço, já co-extensivo à duração, Cristo achase ainda automaticamente, devido à sua posição, no ponto central do Mundo, co-extensivo à escala dos valores que se espaçam entre os cimos do Espírito e as profundezas da Matéria.

Eis portanto que, no ecrã da Evolução, Jesus reveste exactamente, fisicamente, «sem glosa», as propriedades mais desconcertantes que São Paulo lhe prodiga. Ele é o Primeiro e é a Cabeça. N'Ele, tudo foi lançado, e tudo se mantém, e tudo se consuma. Poder-se-ia rezear, novamente, que ao alargar para lá de toda a medida os limites do Mundo, a Ciência viesse tornar cada vez mais impossível a crença literal nestes elogios magníficos. E eis, muito pelo contrário, que ela lhes reserva uma verificação perfeita, quase demasiado bela para

em tal ousarmos acreditar. Quanto mais o Universo cresce, a nossos olhos, mais ele se descobre preparado para a Unidade. Não, «nem a altura, nem a largura, nem a profundidade» ameaçam separar-nos para todo o sempre da adoração de Jesus... desde que nos fiemos nelas até ao fim.

Sem querermos ser injustos para com os Padres latinos, não poderíamos acaso criticá-los por terem desenvolvido exageradamente o lado rabínico e litigante de São Paulo na Teologia deles? Sob a sua influência, a história cristã do Mundo adquiriu o aspecto de um processo entre Deus e a Sua criatura. Esquecida de uma mais nobre tradição, a nossa cosmologia tendia a reduzir-se a um debate de propriedade, humilhante e desalentadora perspectiva.

Já é tempo, sob a pressão dos factos, de regressar a uma forma mais fisicista, mais orgânica da Cristologia. Um Cristo que não seja somente o Senhor do Mundo por ter sido assim *declarado*, mas porque, de alto a baixo, Ele anima todas as coisas; um Cristo que não domine apenas a história do céu e da terra porque alguém lhos *deu*, mas porque a sua gestação, o seu nascimento e a sua gradual consumação representam fisicamente a única realidade definitiva onde se exprime a evolução do Mundo: eis o único Deus que podemos sinceramente adorar de ora avante. E é este, justamente, que a nova face adquirida pelo Universo nos sugere.

Em verdade, poder-se-á muito bem dizer que a Evolução nos conservou o nosso Deus se, por ela, a nossa religião se achar forçada ao reconhecimento e como que à eclosão do Cristo Universal. Em contrapartida, porém, e ainda mais verdadeiramente, será preciso acrescentar que o Cristo Universal terá aparecido mesmo a tempo de proteger de si mesma a ideia de Evolução.

No ponto a que chegaram os seus esforços de construção científica e social do Mundo, a Humanidade hesita. A análise levou até ao extremo o estudo do presente e do passado da Terra. Tratar-se-ia agora, em conformidade com as correntes cósmicas deslindadas pela História, de enfrentar o futuro, ou seja, depois de a ter reconhecido, de levar mais adiante a Evolução. *Todo o Espírito da Terra coligando-se por um acréscimo de unidade pensante*, eis a perspectiva que se nos abre.

Ora, perante a evidência deste gesto por fazer, discutimos, tergiversamos. E porquê? Simplesmente porque não conseguimos acreditar na verdade completa da nossa descoberta. Conviria logicamente admitir que, se o Mundo caminha para o espiritual, deve haver um cimo consciente no Universo. Não nos decidimos a dar o passo desta aceitação. Torna-se claro que um impulso de ordem real tem de vir ajudar-nos a

transpor este ponto morto. Por que motivo não há-de ser o arranco dado ao Mundo pelos cristãos, visto serem eles que vivem na convicção habitual de que existe, para além de todas as aparências, um centro universal de acção reflectida? A Igreja, e talvez seja este o indício mais reconhecível da sua verdade imortal, é a única neste momento que prótege eficazmente a ideia e a experiência de um *Divino Pessoal*. O que esperamos para fazer reinar intrinsecamente esta fé sobre o domínio das construções naturais do Espírito?

Se Cristo triunfar um dia, como cremos, no Mundo moderno, devê-lo-emos ao facto de, quer pela sua existência (a única capaz de nos desvendar historicamente o Centro cósmico requerido pela teoria geral do Universo), quer, conforme nos resta dizer, pelo seu Evangelho (o único capaz de nos transformar em bons servidores do Mundo em marcha), ele será como que o Salvador da Evolução.

### III. EVANGELISMO

«Têm-nos falado demasiado de cordeiros. Gostaria de ver sair alguns leões.» Doçura em demasia e força não suficiente. Assim resumiria eu simbolicamente as minhas impressões e a minha tese, abordando a questão do reajustamento ao Mundo moderno da doutrina evangélica.

Esta questão é vital. A maioria dos nossos contemporâneos não se preocupam distintamente com o sentido a dar aos mistérios da Incarnação e da Redenção. Mas todos reagem vivamente às harmonias e aos desacordos interiores que daí resultam para eles no domínio da moral e da mística. Apraz-nos muitas vezes pensar, a nós, os cristãos, que se tantos Gentios permanecem afastados da Fé é porque o ideal que lhes pregamos é demasiado perfeito e demasiado difícil. Isto é uma ilusão. Uma nobre dificuldade sempre fascinou as almas. A verdade sobre o Evangelho actual é que ele já não atrai, ou quase, por se haver tornado *incompreensível*. Num Mundo que se modificou tremendamente, repetem-nos as mesmas palavras que os nossos avós encontraram. *A priori*, poder-se-ia jurar que estas expressões antigas já não podem satisfazer-nos<sup>11</sup>. De facto, os melhores dos incrédulos que eu conheço pensariam decair do seu ideal moral se fizessem o gesto de se converterem. Foram eles que mo disseram.

---

<sup>11</sup> Se não se captar o seu sentido nas dimensões actuais do mundo. (*N. do E.*)

Também aqui, para nos quedarmos fiéis ao Evangelho, importa adequar o nosso código espiritual à figura nova do Universo.

O Universo tomou agora mais uma dimensão para a nossa experiência. Cessou de ser o jardim já plantado donde uma fantasia do Criador nos exila por algum tempo. Tornou-se a grande obra em vias de realização que se trata de salvar, salvando-nos. Descobrimo-nos a nós como os elementos atómicamente responsáveis por uma cosmogénese. O que advém às directivas morais cristãs quando transportadas para este espaço novo? Como devem elas curvar-se para se manterem iguais a si mesmas?

Podemos responder em poucas palavras: «Tornando-se, para Deus, os suportes da Evolução.» Até aqui, o cristão era educado na impressão de que, para atingir Deus, devia largar tudo. Agora, descobre que só pode salvar-se através e no prolongamento do Universo. O Evangelismo, a dada altura, pôde resumir-se na fórmula da Epístola: «Religio munda haec est: visitare pupillos et viduas, et immaculatum se custodire ab hoc saeculo<sup>12</sup>.» Esta época já passou definitivamente. Ou melhor, as palavras de São Tiago devem ser interpretadas com as profundezas morais que uns horizontes novos lhes conferem para nós.

Adorar, outrora, era preferir Deus às coisas, referindo-as a Ele e sacrificando-lhas. Adorar, agora, significa votar-se de corpo e alma ao acto criador, associando-se a ele para perfazer o Mundo mediante o esforço e a pesquisa.

Amar o próximo, outrora, era não lhe causar dano e pensar as suas chagas. A caridade, agora, sem deixar de ser compassiva, consumir-se-á na vida dada para o avanço comum.

Ser puro, outrora, era principalmente abster-se, preservar-se das máculas. A castidade, amanhã, chamar-se-á sobretudo sublimação das potências da carne e de toda a paixão.

Ser desprendido, outrora, era não se interessar pelas coisas, só as tomar o menos possível. Ser desprendido será, cada vez mais, superar sucessivamente toda a verdade e toda a beleza precisamente pela força do amor que se lhes dedica.

Ser resignado, outrora, podia significar aceitação passiva das condições presentes do Universo. Ser resignado, agora, já não será permitido senão ao lutador desfalecente nos braços

---

<sup>12</sup> «A religião, na sua pureza, é isto: visitar os órfãos e as viúvas, e resguardar-se de qualquer mácula vinda deste mundo.» Teilhard abreviou o texto da epístola de S. Tiago (1,27). (N. do E.)

do Anjo.

Parecia, outrora, só haver duas atitudes geometricamente possíveis para o homem: amar o Céu ou amar a Terra. Eis que, no espaço novo, uma terceira via se desvela: ir ao Céu *através* da Terra. Há uma Comunhão (a verdadeira) a Deus pelo Mundo. E entregar-se a ela não é fazer o gesto impossível de servir dois Amos.

Um tal Cristianismo é ainda, realmente, o verdadeiro Evangelho, pois que representa a mesma força aplicada a soerguer a Humanidade acima do Tangível, num amor comum.

Ao mesmo tempo, porém, este Evangelismo já não possui qualquer odor do ópio que nos acusam tão amargamente (e com um certo direito) de fornecer às multidões.

Ele já nem é sequer, simplesmente, o óleo leniente derramado sobre as feridas e nas rodagens sofredoras da Humanidade.

Apresenta-se, em boa verdade, como o animador da acção humana, à qual proporciona o ideal preciso de uma figura divina, historicamente entrevista, na qual se concentram e se salvam as preciosas essências do Universo. Responde exactamente às dúvidas e às aspirações de uma idade bruscamente desperta para a consciência do seu Futuro.

Ele, só ele, tanto quanto podemos julgar, se revela capaz de justificar e sustentar no Mundo o gosto fundamental da Vida. Ele é a própria religião da Evolução.

## CONCLUSÃO

Há alguns anos, ao conversar com um velho missionário, ligeiramente iluminado, mas encarado por todos como um santo, ouvi-o pronunciar estas palavras surpreendentes: «A história estabelece que nenhuma religião pôde manter-se no mundo mais de dois mil anos. Passado este tempo, todas elas morrem. Ora, o cristianismo vai fazer dois mil anos...» O profeta queria insinuar por meio de tais palavras que o fim do Mundo está próximo. Mas eu ouvi nelas algo de mais grave.

Sim, dois mil anos, mais ou menos, é uma longa etapa para o homem, sobretudo se vier acrescentar-se-lhe, como nos nossos dias, o ponto crítico de uma «mudança de idade». Ao cabo de vinte séculos encontram-se modificadas tantas perspectivas que precisamos, religiosamente, de «mudar de

vida». As fórmulas encolheram e endureceram: elas incomodam-nos e cessaram de nos comover. Para continuar a viver, é indispensável mudar.

Sendo cristão, não tenho o direito de pensar que, neste período de transição em que entramos, o Cristianismo pode desaparecer como aconteceu a outras religiões. Creio que ele é imortal. Mas esta imortalidade da nossa fé não a dispensa de sofrer, superando-as, as leis gerais de periodicidade que dominam toda a vida. Reconheço assim que o Cristianismo atingiu nos nossos dias (exactamente como a Humanidade que ele recobre) o limite de um dos ciclos naturais da sua existência.

De tanto repetir e desenvolver abstractamente a expressão dos nossos dogmas, estamos a perder-nos em nuvens onde já não penetram os ruídos, nem as aspirações, nem a seiva da Terra. Religiosamente, vivemos, em relação ao Mundo, num duplo extrinsecismo, intelectual e sentimental. Isto é uma indicação de que estão a aproximar-se os tempos de uma renovação. Ao fim de quase dois mil anos, é necessário que Cristo renasça, que Ele se reincarne num Mundo tornado demasiado diferente daquele em que viveu. Jesus não pode reaparecer tangivelmente entre nós. Mas pode manifestar aos nossos espíritos um aspecto triunfal e novo da sua figura antiga.

O Messias que todos nós, indubitavelmente, esperamos, julgo que é o Cristo Universal, quer dizer, o Cristo da Evolução.<sup>13</sup>

Creio que o Universo é uma Evolução  
Creio que a Evolução caminha para o Espírito  
Creio que o Espírito (no Homem) se perfaz em algo de Pessoal.  
Creio que o Pessoal supremo é o Cristo-Universal.<sup>14</sup>

---

<sup>13</sup> Tien-Tsin, Natal de 1933. Foi-nos entregue um exemplar deste escrito com a menção de manuscrito «*Revisto e corrigido*» seguido da assinatura: *Teilhard*. Publicámos a partir do dito exemplar. (N. do E.)

<sup>14</sup> Epígrafe colocada por Teilhard de Chardin na abertura do seu ensaio «*Comment je crois*», escrito em Pequim a 28.10.1934 (Obras completas, Tomo X )